Título: **A linha**
para S

Autor: António Jacinto Pascoal

Chegava-se à casa, a última de um quarteirão, por aquietadas ruas suburbanas, pontuadas por palacetes e moradias educadas e de reservado bom gosto, de que somente as grandes tílias, no seu respeitável marulho elevado, mantinham um assomo de vida – não havia cães ou não se dava por eles, e um silêncio atencioso preenchia o negro asfalto molhado. Dali para a frente, apenas caminhos que se estreitavam depois, formando carreiros entre dunas, onde a ventania, contínua e obstinada, desfiava em duas linhas tangentes, como um pó, um longo véu iluminado de luz logo acima das areias, semelhante aos halos dos santos, vergando os caniços e aplainando o estorno e os caules das perpétuas-das-areias, e imprimindo aos espaços uma impressão de velatura, de seda infinda no impercetível lençol da praia. Todas as coisas pareciam embrulhadas em papel vegetal.
Os céus enegreciam entretanto em camadas unidas de nuvens escuras, conquanto uma luz clara, mais baixa ou vinda de aberturas entre elas, não tivesse sido ainda inteiramente tomada, e brilhos da intensidade de neve aderissem à palidez das pedras, de pontos distantes e vagos ao longo da costa, de algumas estacas, de uma bóia nívea no ancoradouro distante, de um banco de pedra e de uma torneira de bronze polido no interior vazio do jardim da casa. O rumor solitário e inaugural de um distante trovão aparentava deslocar a massa escurecida nos céus, movendo-a lentamente como uma montanha: a tempestade não tinha mudado de ideias e era sua a resolução de fustigar a vila e enrodilhar-se nela.
De repente, mesmo antes de um silêncio compacto, começou a chover. Foi este cenário que a mulher fechou na rua, quando depositou a chave na fechadura, a fez girar, abriu a porta e entrou em casa. Despiu o casaco e prendeu-o num cabide, tirando de um dos bolsos uma pequena caixa escura, que poisou numa mesinha. Deitou então um olhar geral à sala e levou as mãos às faces, observando o soalho de madeira onde surgia uma linha traçada num ponto que parecia dividir a sala em duas metades, fixando-se depois numa outra porta que dava para a rua, oposta àquela por onde entrara, A expressão daquela mulher, na idade das pessoas que esperam ainda gentilezas diárias, o comprido cabelo negro alisado, a vulnerabilidade ansiosa e o sorriso tapado pelos dedos pertenciam a um presente principiado nesse momento. Por isso, antes de mais nada, segurou a caixa, abriu a porta da rua por onde entrara, travando-a para ela não escancarar no ímpeto do vento. E, num gesto audacioso e repassado de superstição, atirou a caixa em direcção ao portão de ferro. Cerrou de novo a porta, encostando-lhe o seu corpo. Depois, finalmente, com a delicadeza de alguém que lê um livro, deixando-o como se nunca tivesse sido lido, surpreendeu-se a si mesma, na sua segura alegria.
Correu à cozinha e pôs água a aquecer, procurou no armário, entre as variedades de chá, o frasco de chá-preto, e acendeu a luz, dando-se conta de que, lá fora, a chuva oblíqua açoitava agora as vidraças. Nesse momento, ouviu também o som de uma chave a girar na fechadura. Era a outra porta da rua, a porta oposta àquela de onde havia entrado. Era ele. Tinha o casaco a escorrer água, e, virado de costas, agitava o guarda-chuva para o fechar. Ela olhou as suas costas. Já tinha visto muitos homens virados de costas. Mas, no seu íntimo, mirando-o, ficava tensa e deslumbrada, numa espécie de torpor voluptuoso. Pensava, olhando aquelas costas, que seria a

coisa mais fácil de perder. E por isso agarrou-se à ideia de que a sua adoração reagia a tudo o que fosse uma perda. Era assim que o olhava, fixando-o no tempo.
Ele fitou-a e sorriu, e nela, de súbito, um vago sinal de encanto que ele não captou se extinguiu. Mas correspondeu ao sorriso dele com o seu. O dela, um sorriso genuíno, animado, restabelecido. Sem se aproximar, ela olhou-o abaixo da gabardina. Algumas gotas haviam-se juntado no soalho, criando pequenas formas brilhantes arredondadas, semelhantes a resina ou calda de caramelo, e quando cresciam uniam-se a outras, tomando novas formas. Então, ele tirou a gabardina e pendurou-a num cabide de parede junto à porta, enfiando o guarda-chuva fechado num receptáculo de aros metálicos. Livrou-se também dos sapatos, molhados nos cordões, ficando em peúgas.
– A caixa – disse ela.
– A caixa. Tens razão.
O homem voltou-se novamente e ela pôde olhar de novo as suas costas. Tirou do bolso da gabardina uma caixa preta igual à que ela tinha e procedeu exactamente do mesmo modo: abriu a porta e arremessou a caixa para a rua, tendo ela ido cair justamente perto do outro portão por onde ele havia entrado, embora se compreendesse que aquele portão, ao contrário daquele por onde ela entrara, dava para uma estreita viela, do lado do telheiro da garagem, que separava a casa de uma outra – elegante, fazendo adivinhar um passado respeitável, mas denunciando agora decrepitude e inabitada, com remendos nas traves de madeira a fechar as janelas, e barrotes a servir de escora. Mas não havia ali qualquer automóvel.
Ele, então, aproximou-se dela e ela fez o mesmo. Num ponto em que parecia que ele iria continuar a avançar, ela, sem deixar de o fixar nos olhos, apontou com um dedo a linha riscada no soalho da casa. Ele estacou de imediato. Ambos sabiam do que se tratava. Ficaram assim um longo tempo a admirar-se, magnetizados. Um enorme trovão ribombou muito perto da casa e no instante em que atroou, ela piscou os olhos de susto. Mas não deteve o sorriso com que o olhava. Estavam frente a frente.
– Olá – disse ele.
– Olá.
– Como eu te amo.
– Como eu te amo.
– Meu amor.
– Meu amor.
Enquanto trocaram estas palavras, ditas com uma serenidade indecifrável e com uma forma de bondade a que não é costume estar habituado, o olhar de ambos não se desviou. Era um olhar que atravessava a confiança. No entanto, alguns centímetros os separavam. Abaixo deles, a linha delimitava qualquer solavanco do corpo ou tentativa de se tocaram. Compreendiam-no muito bem. Se se atentasse ao percurso da linha, via-se como ela cortava toda a sala a meio, percorrendo depois uma pequena passagem que seguia para uma escadaria, como se por ela se compelisse alguém a subir e a descer por lados diferentes: do lado do corrimão e do lado da parede.
– Diz-me como te tem sido possível viver sem mim – a voz dela surpreendeu-a por lhe ter saído trémula. Depois engoliu em seco.
– Não vivo – disse ele. – Deixa-me afagar-te a mão – acrescentou, num tom que era o irresistível reconhecimento de uma pequena tristeza partilhada.
– Não podes – respondeu ela, e apontou de novo o soalho, como que a relembrá-lo.
Ele assentiu, fechando e abrindo delicadamente os olhos. E regressou a uma alegria imensa.
– És linda, és tão linda, meu amor – disse ele.

– E tu és tão lindo, meu amor – os olhos fendiam-se-lhe, na formulação do elogio. – Quero amar-te sempre. Quero que saibas que ninguém te ama como eu te amo e que me sinto amada e desejada como nunca senti.
– Oiço qualquer coisa – o rosto dele adquiriu uma expressão que lhe roubou o enlevo.
– Oh, o chá. Está a ferver – e ela saiu em direcção à cozinha.
Ele começou por esperá-la ali, sem se permitir ultrapassar a linha a seus pés. Mas depois, olhando à volta, abraçou uma mesa e fê-la posicionar exactamente a meio da sala, sobre o ponto onde a linha a dividia. A mesa era pequena e circular, e achava-se a um canto, perto de uma janela e um cadeirão às riscas. Deveria ser uma mesinha de apoio a quem quisesse ler, pois nela tinha estado um candeeiro que ele depositou no chão. De seguida, aproximou-se da lareira e, embora não estivesse frio, acendeu o lume. Regressou então à porta de entrada, retirando do bolso da gabardina um saquinho de biscoitos. Ela surgiu a seguir, vinda da cozinha com um tabuleiro. Seria naquela mesa que tomariam o chá. Cada um deles pegou numa cadeira do seu lado e sentou-se à mesa.
Ele serviu o chá. Olhavam-se. O chá escaldava das chávenas e ambos as cingiam com as mãos, afastando-as à vez para se não queimarem.
– Não quero morrer sem saber quem sou – disse ela.
– E eu quero comparecer a mim mesmo. Quero estar cá e que tu, apenas tu, sejas a minha testemunha.
Enquanto tomaram o chá, querendo agradar um ao outro, consumiam-se em palavras de amor estimulante, despido de qualquer nota de acomodação. O corpo de cada um estremecia a cada palavra como se se encontrasse à beira de um amplo abismo e os olhos dela irromperam de lágrimas raras, daquelas de que ela o queria poupar.
Findo o chá, olharam-se em silêncio. Sorriram novamente.
– É espantoso – disse ele.
– O que é que é espantoso? – perguntou ela.
– É espantoso que te olhe e te veja e sinta um prazer anterior a este, um prazer que inclui a curiosidade de quando te principiava a conhecer. Lembras-te? Foi depois de um telefonema. Depois disso, tive tantos desgostos de amor, todos contigo, meu amor. E a cada desgosto seguia-se uma alegria maior. – Explicou ele, ligeiramente ofegante no rescaldo das palavras e como se o que havia dito o espantasse e emocionasse enquanto o dissera.
Ela assentiu, semicerrando os olhos.
– Abraça-me – disse.
Então, como compelido por uma força maior, ele deu a si mesmo um abraço e ela imitou-o, fechando os olhos.
– Oh, sinto o teu abraço – disse ela. – É tão bom, tão bom.
Abaixo da mesa, os pés de cada um mantinham uma posição obediente, que não ultrapassava a linha que ali havia sido riscada.
– Ouves a chuva? – perguntou ela, de olhos cerrados.
– Oiço. Oiço perfeitamente a chuva. Mas quero ouvir ainda o som da tua boca.
Também ele havia fechado os olhos. Agora só se ouvia a chuva e o atroar constante mas longínquo dos trovões. Estavam de olhos fechados, mas viam o sorriso de cada um. Foram assim atingidos por uma cortina de emoções impenetrável e acabaram por perder a noção do tempo. Fizera-se noite.
– Queres subir, meu amor? Queres fazer amor comigo? – interrompeu ele, numa altura em que os olhos de ambos se voltaram a encontrar, com, ainda, a hesitação de um sonho.

E sem proferir nenhuma palavra, ela levantou-se, deixando escorregar os braços que se estenderam ao longo do corpo. Compreendia que lhes restavam somente alguns momentos. Por isso, ele também se ergueu e ambos caminharam em direcção às escadas, sem, contudo, se tocarem, mantendo sempre a linha a separar os passos de ambos. Foi assim que subiram as escadas, olhando-se ocasionalmente e sem se agarrarem a nada. As mãos dos dois quase se tocavam de tão próximas. Sabiam ambos que um passo em falso os faria cair no abismo.
Mas quando chegaram ao quarto, por cujo soalho a linha havia sido traçada, cindindo imaginariamente a cama em duas partes, tinham a consciência de que era à beira do abismo que os seus corpos haveriam de se deitar, sem se poderem agarrar a nada, sem um apoio onde se pudessem firmar, senão na encruzilhada da sua própria consciência.
Olhando-se como dois prisioneiros que apenas buscam no outro o olhar por conhecerem toda a circunstância dele e de não haver aí novidade, e ocultando tudo o que neles poderia ser vulnerável, afastaram o cobertor, deixando descoberto o lençol, e começaram a despir-se.
Então, já completamente despidos, estenderam-se sobre o lençol, um ao pé do outro, em cada lado da cama, separados por escassos centímetros ao centro do colchão, sentindo o calor dos dois corpos, experimentando a sensação de promessa de como cada corpo desejava o outro, respirando no mesmo hálito, confessando o mesmo anseio e o mesmo amor, e como tudo isto cruzava o estreito espaço que os separava. Por um instante, ele olhou-a, desamparado, a pedir-lhe instruções.
– Anda, vem para dentro de mim – disse ela.
Ele fechou os olhos, imaginou o acontecimento, dominando o seu ímpeto, e tocou o seu próprio corpo. Ela encerrou os dedos no seu corpo e produziu um gemido que ele acompanhou.
As palavras que diziam um ao outro borboleteavam numa paixão de comunicabilidade, como se quisessem dizer tudo ao outro, antes que um deles lhes fosse arrebatado. Acariciavam o próprio corpo e gemiam e arfavam, e a saliva escorria da boca de cada um. Ela tinha ânsia de ser ouvida e por isso gemeu ainda mais alto e ele gemeu com ela.
Os dedos dela fecharam-se, como se uma dor interna a percorresse, e gritou-lhe «larga-me, larga-me». Ele, ali ao pé, matinha as suas mãos no próprio peito como os escravos de Michelangelo, parecendo acariciar os próprios mamilos e contorcer-se e sacudir-se de prazer: percebia-se que ele queria deitar fora tudo o que lhe sobrava no corpo.
– Toca-me – suplicou ela. Mas ele massajou ainda mais o próprio corpo e depois levou a mão à cintura e soltou um longo gemido como o de um cão acabado de ser atropelado.
Neste passo, o corpo dele rolou um pouco para o lado dela.
– Cuidado – disse ela, num tom trémulo, indefeso.
E ele ajeitou-se de novo – Sim. – Arquejando ainda, assemelhava-se a alguém a agonizar.
Um enorme trovão pareceu então fazer estremecer toda a casa.
Ela assustou-se e os seus lábios contraíram-se de prazer, de angústia e de receio, e encolheu as pernas, agora muito unidas, querendo reter qualquer coisa que se tivesse metido entre elas, e uma vontade de abandonar o corpo apoderou-se dela. Ele teve pela primeira vez consciência do exterior.
Uns instantes depois, como saída de uma grande dor, ela falou:
– Fala-me da casa.
Ficaram em silêncio. Os corpos de ambos começaram a afrouxar, lembrando os últimos movimentos lentos da cauda cortada de uma lagartixa. Apenas a chuva, lá fora, se interpunha entre eles e o silêncio.

Ele parecia ter ficado a reflectir: olhava o tecto. Ela tinha o rosto virado para o homem, segurando o desejo do sonho dele. Aquele momento era um claro convite à mais bela confidência, sem que nada a exigisse. Ele procedia com uma lentidão deliberada e cúmplice. Ela esboçava um sorriso com os olhos, antegozando as palavras dele.
– Claro, vamos ter uma casa como esta. Essa casa vai ter uma biblioteca com os teus livros e com os meus, mas poucos, só os melhores. E vai ter uma lareira como esta e um andar de cima, como este. E quando me levantar numa manhã cedo, vou fazer o nosso pequeno-almoço e porei os concertos brandeburgueses muito baixinho para te não acordar, ou o *lied* de Strauss.
– E eu? – perguntou ela.
– Tu vais acordar. Desces as escadas e encontras-me na cozinha. Trazes apenas uma camisola vestida. Abraças-me por detrás e eu sorrio. E vais querer beijar-me no pescoço. Sim, nessa altura, eu abraço-te como se abraça uma coisa que existe por completo, que finalmente existe e é indiscutível.
– Oh – disse ela. Os seus olhos estavam em êxtase. – Sim, eu abraço-te e nós faremos de novo amor aí na cozinha. E só depois tomaremos o pequeno-almoço. E ouvir-se-á o vento ou a chuva lá fora. E um pequeno cheiro a lenha percorrerá a sala e a cozinha. – O rosto de ambos iluminou-se do prazer que lhes dava a tortura e a felicidade do outro.
– Meu amor – disse ele.
Fez-se um silêncio.
– Não contes a ninguém – disse ela.
– Não conto a ninguém – respondeu ele.
Estendidos na cama, agora voltados um para o outro, permaneceram ambos em silêncio, enfeitiçados pela beleza do seu plano, com cada parte do corpo, cada poro, projectado no futuro. Estiveram assim um longo tempo. A tempestade amainou. Lá fora era noite cerrada.
– Meu amor – disse ela.
E estremeceram. Então, como duas pessoas que firmaram um pacto, suspirando, levantaram-se e cada um procurou a sua roupa e começou a vestir-se.
Depois, olharam-se mais uma vez para testemunharem a sua presença ali naquele quarto, e desceram em direcção à sala. Ela tirou as chávenas da mesinha e ele arrumou-a ao canto, sobrepondo-lhe o candeeiro. Na cozinha, ela lavou as chávenas e arrumou-as no armário, e ele afastou os cepos da lareira, procurando espalhar as brasas que aos poucos esmoreciam. Cerrou-a finalmente com a grade de ferro enegrecida. Os seus olhos, por segundos, fixaram essa grade.
Mais uma vez se encontraram na sala e se olharam sem uma palavra. Amavam-se como dois mendigos que se desejam. O silêncio, semelhante a um hóspede, estava atento e suspenso, mas parecia agradecer-lhes. E como num extremo olhar, dirigiram-se, cada um à sua porta. Vestiram o agasalho abriram a porta e uma corrente de vento fresco penetrou na sala com furor, endiabrada, espalhando um perfume de terra, de roseiras, de tílias e de sonho.
No limiar do umbral da porta, atiraram um ao outro um derradeiro olhar e fecharam a porta atrás de si. Depois, ambos procuraram a caixa preta que cada um abriu, olhando, num misto de segredo ferido e desapontamento, o seu conteúdo, antes de a guardar de novo no bolso. Quase em simultâneo, os portões se abriram e fecharam, e ambos seguiram o seu caminho.
A chuva, que desde há algum tempo havia cessado, recomeçou a cair, formando regatos apressados nas valetas. O seu rumor agora não era surdo como no princípio, mas replicante, em estalidos, como quando as espessas gotas tombam nas poças.